



Quaresma, chamada à liberdade



“
Na história do Êxodo,
“Deus vê um povo escravo
e sonha com um povo livre.
E envolve Moisés no Seu sonho.
Moisés pode ser a imagem
de quem evangeliza e aprende
a olhar para os outros com os olhos
de Deus, ou seja, a anunciar a todos
que há uma liberdade a conquistar.”
”

A Quaresma, apesar de ser um dos tempos litúrgicos “fortes”, não costuma suscitar em nós grande entusiasmo, porque está associada à penitência, através do jejum e da abstinência. Temos alguma aversão à abnegação e ao sacrifício e, naturalmente, tendemos a vê-la como um tempo de renúncia e tristeza. Precisamos, por isso de **fazer um esforço para mudar de perspectiva e encará-la como um tempo de graça, como uma caminhada de vida e liberdade**, como sugere o Papa Francisco na mensagem que escreveu para esta quadra litúrgica.

O Papa recorda a libertação operada por Deus do Povo de Israel da escravidão no Egito e o longo caminho através do deserto, onde recebe os mandamentos, que o ajudam a preservar a sua liberdade. Assim, apresenta a **Quaresma como um caminho de êxodo** – necessariamente longo – que nos leve não só à Terra Prometida, mas sobretudo a uma liberdade autêntica, uma liberdade pessoal e social que deve ser desejada e acolhida.

O Papa Francisco recorda-nos que **o domínio do Faraó não é**

apenas exterior, mas também interior. Os nossos pensamentos e os nossos corações podem facilmente cair sob o seu poder. “Como Israel no deserto tinha ainda dentro de si o Egito (vemo-lo muitas vezes lamentar a falta do passado e murmurar contra o céu e contra Moisés), **também hoje o povo de Deus traz dentro de si vínculos opressivos** que deve optar por abandonar”, diz o Papa Francisco. E explica: “Embora a nossa libertação tenha começado com o Baptismo, permanece em nós uma inexplicável nostalgia da escravatura. É como uma atracção para a segurança das coisas já vistas, em detrimento da liberdade.”

A nossa liberdade não é ameaçada só pelo apego ao passado com os seus hábitos opressivos, mas também por outras adições. O Papa Francisco diz: **“Mais temíveis que o Faraó são os ídolos”**, que podem levar a “apegar-nos ao dinheiro, a certos projectos, ideias, objectivos, à nossa posição, a uma tradição, até mesmo a algumas pessoas. Em vez de nos pôr em movimento, paralisar-nos-ão. Em vez de nos fazer encontrar, contrapor-nos-ão.”

A Quaresma é um tempo propício para **deitar fora os ídolos que nos aprisionam.**

A Quaresma é um tempo para parar, diz o Papa: “Parar em oração, para acolher a Palavra de Deus, e parar como o Samaritano em presença do irmão ferido.” A escuta da Palavra de Deus ajuda-nos a estar mais conscientes da nossa falta de liberdade e acende o desejo de liberdade no coração. A atenção ao próximo ajuda-nos a descentrar-nos e põe-nos ao serviço da libertação dos outros.

Na história do Êxodo, “Deus vê um povo escravo e sonha com um povo livre. E envolve Moisés no Seu sonho. **Moisés pode ser a imagem de quem evangeliza** e aprende a olhar para os outros com os olhos de Deus, ou seja, a anunciar a todos que há uma liberdade a conquistar. É isto que põe a vida em movimento”, disse o P. Andrea Cavallini na apresentação da mensagem do Papa.

Acolhamos, por isso, este tempo propício para o nosso crescimento na liberdade interior e em que ajudamos os outros a conquistar também a sua liberdade. ✨

O QUE SÃO AS OMP?

Uma reflexão sobre o que são as Obras Missionárias Pontifícias (OMP), o seu carisma e o seu lugar na Igreja universal. “Para cada desafio, podemos encontrar um caminho”, diz o autor do texto.

Começamos por examinar alguns pontos salientes sobre a missão expressos pelo magistério da Igreja desde o Concílio Vaticano II. Podemos começar com as palavras de Cristo ressuscitado antes da Ascensão através da qual se sentou à direita do Pai; palavras registadas por Mateus no final do seu Evangelho:

“Jesus, ao aproximar-se, falou-lhes dizendo: «Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Ide, fazei discípulos todos os povos, baptizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos tempos” (Mt 28, 18-20).

O magistério mais recente da Igreja, na aplicação desta grande missão, foi claramente expresso no Decreto *Ad Gentes* (AG) do Concílio Vaticano II, o qual afirma que o **dever básico, ou a tarefa fundamental da Igreja é evangelizar:**

“Dado que a Igreja é toda ela missionária, e a obra da evangelização é um dever fundamental do Povo de Deus, o sagrado Concílio exorta todos a uma profunda renovação interior, para que tomem viva consciência das próprias responsabilidades na difusão do Evangelho e assumam a parte que lhes compete na obra missionária junto dos gentios” (AG, 35).

Todos os baptizados! “Como membros de Cristo vivo e a Ele incorporados e configurados não só pelo Baptismo, mas também pela Confirmação e pela Eucaristia, todos os fiéis estão obrigados, por dever, a colaborar no crescimento e na expansão do Seu corpo para o levar a atingir, quanto antes, a sua plenitude.

Por isso, todos os filhos da Igreja tenham consciência viva das suas responsabilidades para com o mundo, fomentem em si um espírito verdadeiramente católico, e po-

nam as suas forças ao serviço da obra da evangelização” (AG, 36).

Por atracção, não por proselitismo! “Saibam todos, porém, que o primeiro e mais irrecusável contributo para a difusão da fé, é viver profundamente a vida cristã. Pois o seu fervor no serviço de Deus e a sua caridade para com os outros é que hão-de trazer a toda a Igreja o sopro de espírito novo que a fará aparecer como um sinal levantado entre as nações (2), como «luz do mundo» (Mt 5, 14) e «sal da terra» (Mt 5, 13). Este testemunho de vida produzirá mais facilmente o seu efeito, se for dado conjuntamente com as outras comunidades cristãs, segundo as normas do decreto sobre o ecumenismo” (AG, 36).

Na comunidade e através dela!

“Como o Povo de Deus vive em comunidades, sobretudo diocesanas e paroquiais, e é nelas que, de certo modo, se torna visível, pertence a estas dar também testemunho de Cristo perante as nações. A graça da renovação não pode crescer nas comunidades, a não ser que cada uma dilate o campo da sua caridade até aos confins da terra e tenha igual solicitude pelos que são de longe como pelos que são seus próprios membros. Assim, toda a comunidade reza, coopera e exerce actividade entre os gentios, por meio dos seus filhos a quem Deus escolheu para este importantíssimo encargo” (AG, 37).

Papel do Bispo diocesano. “Todos os Bispos, como membros do corpo episcopal, sucessor do Colégio apostólico, são consagrados não só em benefício duma diocese, mas para salvação de todo o mundo. O mandato de Cristo de pregar o Evangelho a toda a criatura (Mc 16, 15) afecta-os, primária e imediatamente a eles, com Pedro e sob Pedro. Daí nascem aquela comunhão e cooperação das igrejas, hoje tão

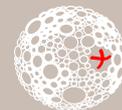
necessárias para levar a cabo a obra da evangelização. Na sua diocese, o Bispo, que forma uma só coisa com ela, ao suscitar, promover e dirigir a obra missionária, torna presentes e como que palpáveis o espírito e o ardor missionário do Povo de Deus, de maneira que toda a diocese se torna missionária” (AG, 38).

O texto acrescenta: “É da responsabilidade do Bispo... exortar e ajudar as Congregações diocesanas para que assumam a sua parte nas missões; promover junto dos seus fiéis as obras dos Institutos missionários, mas sobretudo as Obras Missionárias Pontifícias (OMP). Com todo o direito se deve dar o primeiro lugar a estas Obras, uma vez que são meios quer para dar aos católicos um sentido verdadeiramente universal e missionário logo desde a infância, quer para promover colectas eficazes de subsídios para bem de todas as missões segundo as necessidades de cada uma” (AG, 38).

Aqui, vê-se claramente qual é o lugar e o papel das OMP na Igreja. As OMP são chamadas a fornecer os meios para que a Igreja Local, dirigida pelo bispo, infunda nos católicos “um sentido verdadeiramente universal e missionário logo desde a infância.”

As OMP estão ao serviço da Igreja local. Trabalham para ajudar o bispo, o clero, os religiosos e os leigos da Igreja Local a animar, promover e formar um espírito missionário mais robusto no coração dos fiéis. É importante que elas expressem e demonstrem um desejo real de ajudar a Igreja Local nesta tarefa: **prestar um serviço à evangelização.**

Esta ideia foi uma parte essencial do discurso do nosso Presidente, Arcebispo Emilio Nappa, que disse: “baseando-se no texto da *Praedicate evangelium*, o Papa recordou a vocação das OMP de serem ‘instrumentos para promover a responsabilidade pelas missões por parte de todos



Todos os fiéis estão obrigados, por dever, a colaborar na evangelização, para o crescimento do Reino de Deus.

os batizados e para apoiar as novas Igrejas particulares' (art. 67 §1):

“Assim, as OMP não são uma mera agência de distribuição de fundos para quem precisa de ajuda, mas uma realidade chamada a sustentar a «missão evangelizadora na Igreja universal e nas Igrejas locais» e a «alimentar o espírito missionário no Povo de Deus» (Francisco, *Mensagem para o Dia Missionário Mundial de 2022*, 3). Por isso exorto-vos a intensificar ainda mais, com a audácia e a fantasia do Espírito Santo, as várias actividades de animação, informação e formação do espírito missionário. **Convido-vos a promover a responsabilidade missionária dos batizados**, valorizando a rede capilar das direcções nacionais, tanto nos países de primeira evangelização como nos de antiga tradição cristã que talvez precisem novamente da primeira evangelização; estes, como sabemos, estão marcados por uma grave crise da fé, necessitando duma re-

novada evangelização e de conversão pastoral.”

Finalmente, o Papa Francisco recorda-nos, na mensagem deste ano para o *Dia Mundial das Missões*, o seguinte: “Não esqueçamos que todo o cristão é chamado a tomar parte nesta missão universal com o seu testemunho evangélico em cada ambiente, para que toda a Igreja saia continuamente com o Seu Senhor e Mestre rumo às «saídas dos caminhos» do mundo actual. Sim, «hoje o drama da Igreja é que Jesus continua a bater à porta, mas da parte de dentro, para que O deixemos sair! Muitas vezes acabamos por ser uma Igreja (...) que não deixa o Senhor sair, que O retém como “propriedade sua”, quando o Senhor veio para a missão e quer que sejamos missionários». Oxalá todos nós, batizados, nos disponhamos a sair de novo, cada um segundo a própria condição de vida, para iniciar um novo movimento missionário, como nos alvares do cristianismo.”

Depois diz ainda: “A missão para todos requer o empenho de todos. Por isso é necessário continuar o caminho rumo a uma Igreja, toda ela, sinodal-missionária ao serviço do Evangelho. De per si a sinodalidade é missionária e, vice-versa, a missão é sempre sinodal. Por conseguinte, hoje, é ainda mais urgente e necessária uma estreita cooperação missionária seja na Igreja universal, seja nas Igrejas Particulares. Na esteira do Concílio Vaticano II e dos meus antecessores, recomendo a todas as dioceses do mundo o serviço das Obras Missionárias Pontifícias, que constituem meios primários «quer para dar aos católicos um sentido verdadeiramente universal e missionário logo desde a infância, quer para promover colectas eficazes de subsídios para bem de todas as missões segundo as necessidades de cada uma» (*Ad Gentes*, 38). Por esta razão, as colectas do Dia Mundial das Missões em todas as Igrejas Particulares são inteiramente desti-



Reunião de Directores Nacionais das OMP, da Europa, em Budapeste, em Fevereiro de 2024.

nadas ao Fundo Universal de Solidariedade, que depois a Obra Pontifícia da Propagação da Fé distribui, em nome do Papa, para as necessidades de todas as missões da Igreja. Peçamos ao Senhor que nos guie e ajude a ser uma Igreja mais sinodal e mais missionária.”

Desta breve revisão da compreensão da Igreja sobre a missão e sobre o papel e o carisma das Obras Missionárias Pontifícias nesta tarefa, há cinco elementos que merecem a nossa atenção.

Elementos-chave da nossa missão:

1. Universalidade. As OMP ocupam-se da missão da Igreja universal e apoiam *todas* as Igrejas nos sectores da Primeira Evangelização em nome do Santo Padre. Este aspecto universal da nossa missão é algo que precisa de ser sublinhado e lembrado a todas as conferências episcopais.

2. Animação missionária. As OMP são uma rede mundial que presta um serviço auxiliar à missão de cada Igreja Local, promovendo e animando o espírito missionário na Igreja Local. Temos de ser proactivos na oferta de apoio às dioceses e paróquias nos países da nossa Direcção Nacional. Isto é especialmente importante no contexto do proces-

so de secularização em curso. Em muitos países, muitos jovens foram formados sem um conhecimento básico da fé cristã. Em vez de lamentarmos esta realidade, talvez devêssemos encará-la como uma oportunidade, na qual podemos agora encontrar novas formas de apresentar o Evangelho a esta nova geração.

A partir dos documentos do magistério citados, torna-se claro que a missão das OMP é promover, animar, encorajar e reforçar o espírito missionário no coração dos fiéis do país onde somos representantes oficiais das OMP. A animação missionária é a primeira tarefa do Director Nacional e dos seus colaboradores. Devemos apoiar a Igreja Local de cada país no serviço da animação missionária, sobretudo nas situações em que os bispos se encontram por vezes sobrecarregados devido aos escândalos e às crises que muitas vezes absorvem a maior parte das suas energias.

Não estamos em concorrência com ninguém. As Obras Missionárias Pontifícias têm uma clara identidade e um papel estabelecido pelo Santo Padre na Igreja universal e em cada Igreja Local. Não somos uma imposição, mas fazemos parte do próprio tecido da Igreja, e estamos ao serviço da Igreja Local e universal.

As OMP são mencionadas expli-

citamente no *Código de Direito Canónico* nº 791, no contexto da promoção da cooperação missionária em cada uma das dioceses. Estamos lá para ajudar cada bispo local no seu ministério apostólico, na cooperação missionária.

De facto, quando os bispos vêm a Roma em visita *ad limina*, devem preparar um longo documento sobre o seu ministério apostólico e uma secção é dedicada especificamente ao modo como encorajam e promovem a cooperação missionária, não só em relação a uma ou mais jovens Igrejas, mas em relação a todas elas, nas áreas da primeira evangelização. As OMP trabalham para ajudar os bispos precisamente nesta tarefa que é mandatada pela Igreja universal.

O *Código de Direito Canónico*, Can. 791, diz que para favorecer a cooperação missionária em cada diocese:

1. as vocações missionárias devem ser promovidas;
2. um sacerdote deve ser designado para promover eficazmente os esforços em favor das missões, especialmente as OMP;
3. um dia anual para as missões deve ser celebrado;
4. a contribuição de uma oferta adequada para as missões deve ser recolhida e enviada anualmente à Santa Sé.



3. Oração: união com Cristo e a Sua Igreja.

A oração é o primeiro compromisso missionário, porque o Espírito Santo é o primeiro agente de evangelização. O nosso trabalho nunca terá êxito se não formos pessoas de fé e empenhadas numa comunhão pessoal e permanente com o Senhor. Os nossos colaboradores devem ver em nós a ponte entre o céu e a terra. Não em algumas práticas piedosas, mas numa vida que reflecta efectivamente uma comunhão de coração com o coração de Cristo. Não através de um manto artificial de piedade, mas de uma verdadeira humanidade.

Não podemos cumprir a nossa missão se não estivermos em profunda comunhão pessoal com Cristo e a Sua Igreja, o Povo de Deus que vive à nossa volta.

4. Comunicação e informação.

As OMP são frequentemente desconhecidas e mesmo ignoradas nas Igrejas Locais. As pessoas ouviram falar do Dia Mundial das Missões, mas não sabem o que são as OMP e o que fazem. Conhecem muitas organizações que ajudam as missões, mas muitas vezes não sabem o papel único e fundamental que as OMP desempenham na comunhão universal da Igreja. Muitos bispos, párocos, religiosos e leigos simplesmente não conhecem o vasto campo de responsabilidades das OMP e tudo o que elas oferecem, para além da animação missionária e da oração pela missão.

Aqui está um aspecto que precisa de muito trabalho, não através de uma campanha mediática cara, mas através daquilo que a Beata Paulina Jaricot insistiu desde o início: o **contacto pessoal** com os bispos, os párocos, as comunidades religiosas e as pequenas comunidades de fiéis. Ela começou por ler as cartas de missionários às mulheres dos grupos de 10 que formou. É preciso difundir as notícias sobre as grandes necessidades da Igreja nas terras de primeira evangelização. É essencial que o Director Nacional tenha algum contacto com os bispos e pastores locais. Certamente, os Directores Diocesanos têm de

estar envolvidos neste processo, mas têm de estar bem formados na realidade que somos como OMP.

Quantos bispos sabem que a Obra Missionária para a Propagação da Fé é responsável pela subvenção ordinária de 940 Igrejas Locais, uma subvenção que muitas vezes é vital para que o bispo possa exercer o seu ministério apostólico? E quanto aos milhares de catequistas que recebem apoio financeiro nas dioceses que não têm outra forma de assegurar a formação e a remuneração dos catequistas?

Quantos Bispos sabem que o Obra de Propagação da Fé fornece:

- Os trajes episcopais para os novos Bispos nomeados para as dioceses de primeira evangelização?
- Um subsídio anual para os Bispos reformados das dioceses de primeira evangelização?
- Subsídios para cada diocese recém-criada para a ajudar a iniciar a sua missão?
- Fundos para programas de formação para sacerdotes, religiosos e leigos?
- Fundos para a construção de clínicas, escolas, igrejas, conventos...?

Parte do trabalho do Director Nacional é dar a conhecer estas realidades à Conferência Episcopal local.

5. Respeito pelo Director Nacional de cada país.

A pessoa de referência das OMP em cada país é o Director Nacional. É preciso ter isto em mente quando se visi-

tam países que receberam apoio das nossas Direcções Nacionais. É importante visitar a Direcção Nacional do país que se visita e fazer saber a todos os habitantes desse país – e até aos bispos – que o seu Director Nacional é o responsável pelas OMP ao nível desse país.

Conclusão. Ouvimos falar dos desafios, que não são novos na história da Igreja. Em todas as épocas, a Igreja enfrentou desafios de dentro e de fora! Pouco depois de Jesus ter dado aos discípulos a Sua grande missão, antes da Ascensão, houve divisões no seio da Igreja e perseguições externas. Mas, com o poder do Espírito Santo – de se tornar como Cristo, em comunhão com os outros, mansa e humilde de coração, com um coração compassivo, a Igreja continuou até aos dias de hoje.

Fazemos parte desta história emocionante e dramática e temos um papel importante a desempenhar. Como disse Madre Teresa de Calcutá quando lhe perguntaram se se considerava bem sucedida, respondeu: “Deus não espera nem quer que eu seja bem sucedida, quer que eu seja fiel.”

Confiemos no poder de Deus e mantenhamo-nos firmes e fiéis à nossa missão. Para cada desafio, podemos encontrar um caminho. ✦

Padre Tadeusz Nowak, OMI
Secretário-Geral da Obra
de Propagação da Fé



P. Tadeusz Nowak durante o encontro europeu dos directores das OMP, em Budapeste.

As “periferias” no centro da cidade

É urgente uma cultura de atenção e de cuidado. Em todos os lugares – bairros sociais, centros da cidade, lugares de luxo e casas apalaçadas – há sofrimento, solidão, pessoas descartáveis, sem calor humano, carinho e afecto.

Cultura da atenção nos bairros sociais. Desde há alguns anos, que visito, quase diariamente, os bairros sociais da cidade e do Concelho de Elvas. Humildemente devo confessar que estou bem por dentro das suas realidades e problemáticas. Associamos à palavra “periferias” os bairros sociais a abarrotarem de gente pobre, com problemas graves de habitação, desempregada ou incapaz de assumir um emprego estável, onde as crianças e adolescentes tem problemas como o abandono escolar, o desinteresse pelo estudo, ou a falta de motivação. As famílias, são normalmente disfuncionais, monoparentais, com problemas de divórcios mal resolvidos, os maridos presos, a droga a ser vendida à porta de casa, as crianças a serem institucionalizadas por falta de condições para serem cuidadas na própria família que não existe ou não pode cuidar.

Mas, no meio desta amálgama de problemas, também encontramos pessoas e famílias que resistem, que marcam a diferença, que se ajudam e nos ajudam a estar atentas, a saber olhar, e a olhar sobretudo com olhos de Deus, comprometendo-nos a ajudar as famílias, qualquer tipo de Família, **a serem agentes activos da própria mudança, acreditando que um mundo melhor é possível, a serem solidárias e amigas na linha da grande Encíclica Fratelli Tutti, do Papa Francisco.**

É nestes bairros que, por vezes, dizemos que vivem “os preferidos de Deus”, que como diz o Papa Francisco são “os excluídos, os marginalizados, os descartados, os humildes, os indefesos. São eles o tesouro da Igreja, são os preferidos de Deus!” (Discurso do Papa Francisco no Centro Paroquial da Serafina, Lisboa, no dia 4 de Agosto 2023)

Alargar a cultura de atenção ao centro da cidade. Se há mui-



Irmã Maria de Fátima Magalhães (à esquerda), com uma família de refugiados Sudaneses.

“ ”
Também, no centro das cidades existem “periferias”, com “preferidos de Deus”, que esperam a nossa ajuda, a nossa atenção e a nossa presença.
“ ”

tos anos conheço a realidade dos bairros sociais, pelo envolvimento em projectos sociais que vão de encontro às suas realidades e nos afinam o olhar e a atenção para ajudar as pessoas na sua transformação e mudança para melhor, também há muito que tenho consciência que temos de alargar o círculo da nossa atenção para o centro da cidade e descobrir aí, também, as “outras periferias”, onde estão também os “preferidos de Deus”.

Esta **cultura da atenção** comporta, um movimento de interiorização e de reflexão. **Não se trata, com efeito, apenas de ver, mas de parar, de permanecer, de fazer perguntas: Será que os “preferidos de Deus” estão apenas nos bairros sociais?**

O Evangelho segundo Lucas, quando relata o episódio de Za-

queu, afirma que “Jesus atravessava a cidade”. Esse detalhe deve ajudar-nos a reflectir. Temos que “atravessar” o interior e o centro das nossas cidades com uma cultura do olhar afinada e reflexiva. Também, no centro das cidades existem “periferias”, com “preferidos de Deus”, que esperam a nossa ajuda, a nossa atenção e a nossa presença. Quero chamar a atenção para duas realidades com as quais tenho lidado, ultimamente, e que me levam a concluir que as “periferias” estão em toda a parte:

• **Pessoas “acomodadas” economicamente, mas sozinhas.** Nas visitas que faço a pessoas idosas, juntamente com outras voluntárias, no projecto “Coração d’Ouro”, sobretudo com a missão de escutar e dar a comunhão a quem quiser, encontro muita gente sozinha e abandonada e com a sensação de que estão a mais, que já não fazem falta, que já não contam para nada... É a **solidão dos idosos**, que até têm dinheiro, mas que ninguém procura, ninguém ama, e quando são procurados é pelo que têm e não pelo que são.



Normalmente são pessoas com pouca família, os filhos que vivem fora da cidade e até do país “não têm tempo” para visitar, estar, escutar, amar. Quando vêm, vêm à pressa, com o telemóvel e outras redes sociais sempre ligadas; resolvem questões económicas, arranjam quem os substitua nas lides da casa, nos cuidados da saúde, quem marque presença durante o dia, e á noite, pagam e vão-se embora. Há uns tempos que visito uma família abastada: a senhora está com a ELA (Esclerose Lateral Amiotrófica), já em estado muito avançado; o marido tem cancro no pulmão e uma depressão muito agressiva. Estão durante o dia completamente sozinhos, cada um na sua “rica habitação”, mas não comunicam entre si. Quando chegamos, ela que já não fala, revela uma grande alegria pela nossa presença, abraça-nos, atira beijos e sorri. Ele não se deixa ver, mergulhado apenas na sua tristeza e na sua solidão, ele que antes da doença tinha grandes relações de amizade e companheirismo. Naquela “casa rica” falta a saúde, falta a presença dos filhos, faltam os afectos, falta uma “Igreja viva”, cuidadora e amiga.

É preciso um **olhar contemplativo** e uma dimensão espiritual e teológica para descobrir a presença de Deus escondida no drama humano do sofrimento e da solidão. Quando partilho com outras pessoas estas situações, e outras ainda piores sinto que paira no ar um ambiente cheio de indiferença, individualismo e egoísmo, incapaz de entender que os valores da vida autêntica se encontram em acolher, escutar e respeitar a dignidade humana, cuidar e servir os mais humildes, neste caso os doentes e sozinhos. Frequentemente, nestes casos o final não é feliz. Fecham-se em casa, perdem o gosto pela vida, deixam-se morrer sozinhos ou cometem suicídio.

• **Migrantes e refugiados que ocupam os “buracos” do centro da cidade.** Outro problema dramático, uma verdadeira “periferia” no centro da cidade, é a situação dos migrantes e refugiados. Chegam

à procura de trabalho e o seu primeiro problema é encontrar uma casa com renda acessível, habitável e digna. Não encontram. Como costumam dizer, encontram um “buraco” vazio, sem nada dentro, sem móveis, sem electrodomésticos, sem roupas e pelo qual pagam um balúrdio. Como não têm ainda emprego, não

“ ”
É preciso um olhar contemplativo e uma dimensão espiritual e teológica para descobrir a presença de Deus escondida no drama humano do sofrimento e da solidão.

“ ”



têm dinheiro para pagar, juntam-se com outros e numa casa já pequena para uma ou duas pessoas chegam a viver sete ou oito. Passam frio e fome. A Segurança Social e as instituições estatais não conseguem resolver todos os seus problemas e recorrem a particulares neste caso à nossa associação, *Fratelli Tutti*, para sobreviverem enquanto não encontram emprego que os ajude a fazer face às despesas, o que quase nunca acontece. Muitos dos trabalhos que encontram são sazonais: trabalham um tempo, depois param e não podem assumir compromissos com rendas, transporte para o trabalho, etc. São mal pagos, não têm contrato de trabalho, não podem constituir uma família, onde os direitos humanos sejam respeitados.

Não podemos viver de “portas fechadas” para estas realidades como diz o Papa. O nosso olhar, as nossas atenções têm que ser uma “porta aberta” de consolação, de ajuda e de paz. “Viver em saída”, como nos é pedido constantemente pelo Papa Francisco, “significa tornar-se, como Jesus, uma porta aberta. É triste e dói ver portas fechadas (...), as portas fechadas da nossa indiferença em relação a quem está no sofrimento e na pobreza, as portas fechadas a quem é estrangeiro, diferente, migrante, pobre” (*Homilia do Papa Francisco em Budapeste, junto ao edifício do Parlamento húngaro, no dia 30 de Abril 2023*). Sejamos “abertos” e inclusivos uns com os outros, para ajudar o mundo a crescer na fraternidade, caminho da paz.

Em todos os lugares – bairros sociais, centros da cidade, lugares de luxo e casas apalaçadas – há sofrimento, solidão, pessoas descartáveis, sem calor humano, carinho e afecto.

Aí estão as **periferias do mundo** e “os preferidos de Deus”. Aí está Jesus abandonado, que tem que ser objecto do nosso olhar atento e fraterno. Aí tem que estar a nossa tenda de Encontro com Deus... ✨

Irmã Maria de Fátima Magalhães, STJ
Irmã Teresiana, da Companhia de Santa Teresa de Jesus

A evangelização como serviço eclesial



A evangelização faz-se sempre *in ecclesia*, isto é, em comunidade e sem fazer proselitismo pois isso não é evangelização. Ela consiste em levar a todos, sem excepção, o amor de Deus.

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Na última catequese vimos que o primeiro “concílio” na história da Igreja – concílio, como o do Vaticano II – o primeiro concílio, foi convocado em Jerusalém, para lidar com uma questão ligada à evangelização, ou seja, ao anúncio da Boa Nova aos não-judeus: pensava-se que só aos judeus se devia levar o anúncio do Evangelho. No século XX, o Concílio Ecuménico Vaticano II apresentou a **Igreja como Povo de Deus peregrino no tempo é por sua natureza missionário** (cf. Decr. *Ad gentes*, 2). O que significa isto? Existe como que uma ponte entre o primeiro e o último Concílio, no sinal da evangelização, uma ponte cujo arquitecto é o Espírito Santo. Hoje, colocamo-nos à escuta do Concílio Vaticano II, para descobrir que **evangelizar é sempre um serviço eclesial, nunca solitário, jamais isolado nem individualista**. A evangelização faz-se sempre *in ecclesia*, isto é, em comunidade e sem fazer proselitismo pois isso não é evangelização.

Com efeito, **o evangelizador transmite sempre aquilo que**

ele ou ela mesma recebeu. Foi São Paulo que o escreveu primeiro: o Evangelho que ele anunciava e que as comunidades recebiam e no qual permaneciam firmes é o mesmo que o Apóstolo, por sua vez, tinha recebido (cf. *1 Cor 15, 1-3*). Recebe-se a fé e transmite-se a fé. Este dinamismo eclesial de transmissão da Mensagem é vinculante e garante a autenticidade do anúncio cristão. O próprio Paulo escreve aos Gálatas: «Ainda que fôssemos nós próprios, ou mesmo um anjo do céu a anunciar-vos como evangelho algo diferente daquilo que vos anunciá-mos como evangelho, que seja anátema!» (1, 8). Isto é bonito e vem a propósito de tantas visões que estão na moda...

Por isso, a dimensão eclesial da evangelização constitui um critério de verificação do zelo apostólico. Uma verificação necessária, porque **a tentação de proceder “solitariamente” está sempre à espreita**, de modo especial quando o caminho se torna impérvio e sentimos o peso do compromisso. Igualmente perigosa é a tentação de seguir caminhos pseudoeclesiais mais fáceis, de adoptar a lógica mun-

dana dos números e das sondagens, de confiar na força das nossas ideias, dos programas, das estruturas, dos “contactos importantes”. Isto não funciona; pode ajudar um pouco, mas o fundamental é a força que o Espírito dá para anunciar a verdade de Jesus Cristo, para anunciar o Evangelho. Tudo o resto é secundário.

Pois bem, irmãos e irmãs, coloquemo-nos mais directamente na escola do Concílio Vaticano II, relendo alguns números do Decreto *Ad gentes* (AG), o documento sobre a actividade missionária da Igreja. Estes textos do Vaticano II conservam plenamente o seu valor, mesmo no nosso contexto complexo e plural.

Em primeiro lugar, este documento da AG convida-nos a considerar o amor de Deus Pai como uma fonte, que «criando-nos livremente pela Sua extraordinária e misericordiosa benignidade, e depois chamando-nos gratuitamente a partilhar da Sua própria vida e glória. Quis ser, assim, não só criador de todas as coisas, mas também «tudo em todas as coisas» (*1 Cor 15, 28*), conseguindo simultaneamente a Sua glória e a nossa felicidade» (n.

2). Esta passagem é fundamental, pois diz que o amor do Pai tem como destinatário cada ser humano. **O amor de Deus não é apenas para um pequeno grupo, não: é por todos.** Conservai bem esta palavra na cabeça e no coração: todos, todos, sem excluir ninguém, assim diz o Senhor. E este amor por cada ser humano é um amor que alcança cada homem e mulher através da missão de Jesus, medianeiro da salvação e nosso Redentor (cf. AG, 3), e mediante a missão do Espírito Santo (cf. AG, 4), o qual, Espírito Santo, age em cada um, tanto nos batizados como nos não-batizados. O Espírito Santo age!

Além disso, o Concílio recorda que **a Igreja tem a tarefa de continuar a missão de Cristo**, que foi «enviado a evangelizar os pobres; por isso – acrescenta o documento *Ad gentes* – a Igreja, movida pelo Espírito Santo, deve seguir o mesmo caminho de Cristo: o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação própria até à morte, morte de que Ele saiu vencedor pela Sua ressurreição» (AG, 5). Se permanecer fiel a este “caminho”, a missão da Igreja será «a manifestação ou epifania dos desígnios de Deus e a sua realização no mundo e na sua história» (AG, 9).

Irmãos e irmãs, estas breves in-

dicações ajudam-nos também a compreender o sentido eclesial do zelo apostólico de cada discípulo-missionário. **O zelo apostólico não é um entusiasmo, é outra coisa, é uma graça de Deus, que devemos preservar.** Devemos compreender o sentido porque no Povo de Deus peregrino e evangelizador não existem sujeitos activos e passivos. Não há os que pregam, os que anunciam o Evangelho num modo ou noutro, e os que estão calados. Não. « Cada um dos batizados – diz a *Evangelii gaudium* – independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização» (Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 120). És cristão? “Sim, recebi o Baptismo”... Evangelizas? “Mas o que é que isso significa?” Se não evangelizas, se não dás testemunho, se não dás teste-

“ ”

O zelo missionário do crente manifesta-se também como busca criativa de novas maneiras de anunciar e testemunhar, de novos modos de encontrar a humanidade ferida que Cristo assumiu.

“ ”

munho do Baptismo que recebeste, da fé que o Senhor te concedeu, tu não és um bom cristão. Em virtude do Baptismo recebido e da consequente incorporação na Igreja, **cada batizado participa na missão da Igreja e, nela, na missão de Cristo Rei, Sacerdote e Profeta.**

Irmãos e irmãs, esta tarefa «é uma e a mesma em toda a parte, sejam quais forem os condicionais, embora difira quanto ao exercício conforme as circunstâncias» (AG, 6). Isto convida-nos a não nos tornarmos escleróticos nem fossilizados; resgata-nos daquela inquietude que não é de Deus. **O zelo missionário do crente manifesta-se também como busca criativa de novas maneiras de anunciar e testemunhar, de novos modos de encontrar a humanidade ferida que Cristo assumiu.** Em síntese, de novas formas de servir o Evangelho e a humanidade. A evangelização é um serviço. Se alguém se disser evangelizador e não tiver aquela atitude, aquele coração de servo, e se se considerar ‘patrão’, não é um evangelizador, não... é um pobre diabo.

Voltar ao amor fontal do Pai e às missões do Filho e do Espírito Santo não nos fecha em espaços de tranquilidade pessoal estática. Pelo contrário, leva-nos a reconhecer a gratuidade do dom da plenitude de vida a que somos chamados, dom pelo qual louvamos e damos graças a Deus. Este dom não é apenas para nós, mas é para ser dado aos outros. E leva-nos também a viver cada vez mais plenamente o que recebemos partilhando-o com os outros, com sentido de responsabilidade e percorrendo juntos os caminhos, muitas vezes tortuosos e difíceis da história, na expectativa vigilante e laboriosa do seu cumprimento. Peçamos esta graça ao Senhor, de assumir a vocação cristã e dar graças ao Senhor por aquilo que nos concedeu, por este tesouro. E procurar comunicá-lo aos outros. ✨



A evangelização não é um serviço solitário, isolado, individualista.

Papa Francisco
Praça de S. Pedro,
8 de Março de 2023

Alegrai-vos e exultai – sempre!

Gaudete et Exsultate é a terceira Exortação Apostólica publicada pelo Papa Francisco, depois de *Evangelii Gaudium* (2013) e *Amoris Laetitia* (2016). É um apelo à santidade de vida, ecoando claramente o apelo universal à santidade feito no capítulo cinco da *Lumen Gentium* do Vaticano II; tem a data de 19 de Março de 2018, a festa de São José, o quinto aniversário da sua tomada de posse como Papa em 2013.



Introdução. A *Alegrai-vos e exultai* (AE) pretende ser muito prática; não pretende ser um tratado sobre a santidade ou a espiritualidade actual. O seu título vem das Escrituras, especificamente do *Evangelho de São Mateus* 5, 12, onde Jesus aconselha os Seus discípulos a “alegrar-se e exultar” – mesmo no meio das provações da vida. Francisco observa: “O meu objectivo é humilde: fazer ressoar mais uma vez a chamada à santidade, procurando encarná-la no contexto actual” (2). O Senhor “quer-nos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa” (1).

O chamamento à santidade. Há muitas formas de santidade e, no nosso itinerário de santidade, “estamos circundados, conduzidos e guiados pelos amigos de Deus” (4). “Todos estamos chamados a ser testemunhas, mas há muitas formas existenciais de testemunho” (11). O Papa Francisco elogia aquilo a que chama “a classe média da santidade” (7); esta inclui os pais, os trabalhadores, os doentes/idosos, os avós. A santidade encontra-se muitas vezes “daqueles que vivem perto de nós” (7). Uma norma simples é: “Cada um por seu caminho” (11). “Pois a vida

divina comunica-se ‘a uns duma maneira e a outros doutra’” (11).

“Esta santidade, a que o Senhor te chama, irá crescendo com pequenos gestos” (16). “Trata-se apenas de encontrar uma forma mais perfeita de viver o que já fazemos” (17). “Para um cristão, não é possível imaginar a própria missão na terra, sem a conceber como um caminho de santidade” (19). “Também tu precisas de conceber a totalidade da tua vida como uma missão” (23). “Não é que a vida tenha uma missão, mas a vida é uma missão” (27). O Papa cita as palavras de Leon Bloy: “existe apenas uma tristeza (na vida): a de não ser santo” (34).

Dois inimigos subtis da santidade. O Papa Francisco menciona duas falsas formas de santidade que “podem extraviar-nos” (35): o gnosticismo (crença de que a salvação pode ser obtida através de “conhecimentos especiais”) e o pelagianismo (crença de que podemos alcançar a salvação através dos nossos próprios esforços humanos) (35). Ele cita São Boaventura, que sublinhava que “a verdadeira sabedoria cristã não se deve desligar da misericórdia para com o próximo” (46). É preciso recordar constantemente que “a nossa realidade é frutudum dom” (55).

Seguir Jesus. O terceiro capítulo centra-se no exemplo de Jesus, concretamente nas Bem-aventuranças e em *Mateus* 25, 31-46 (narração do Juízo Final): “Estas são como que o bilhete de identidade do cristão” (63). Sim, defendemos radicalmente o “inocente nascituro”, “mas igualmente sagrada é a vida dos pobres que já nasceram e se debatem na miséria, no abandono, na exclusão, no tráfico de pessoas, na eutanásia encoberta de doentes e idosos privados de cuidados, nas novas formas de escravatura, e em todas as formas de descarte” (101). A misericórdia “é a arquitrave que suporta a vida da Igreja” (105).

Cinco sinais de santidade. Em primeiro lugar, a **perseverança, a paciência e a mansidão**. Em segundo lugar, é preciso **ter alegria e sentido de humor**, porque “o mau humor não é um sinal de santidade” (126). Em terceiro lugar, é preciso **ousadia e paixão**. “A santidade é *parrhesia*: é ousadia, é impulso evangelizador...” (129). “A ousadia e a coragem apostólica são constitutivas da missão” (131). “A Igreja precisa de missionários apaixonados” (138).

Dois outras manifestações de santidade são: a **comunidade** e a



oração constante. “A santificação é um caminho comunitário, que se deve fazer dois a dois” (141); é feito “de tantos pequenos detalhes diários” (143). “São necessários também alguns tempos dedicados só a Deus; (...) isto não é dito apenas para poucos privilegiados, mas para todos” (149). O Papa Francisco recorda a centralidade da Eucaristia (157).

Combate espiritual, vigilância e discernimento. “A vida cristã é uma luta permanente. Requer-se força e coragem para resistir às tentações do demônio e anunciar o Evangelho” (158). Foram-nos dadas “armas poderosas” para nos ajudar na nossa batalha: “a fé que se expressa na oração, a meditação da Palavra de Deus, a celebração da Missa, a adoração eucarística, a Reconciliação sacramental, as obras de caridade, a vida comunitária, o compromisso missionário” (162). O Papa afirma sem rodeios que o discernimento “é um dom que é preciso pedir” (166). O discernimento consiste em “reconhecer como podemos cumprir melhor a missão que nos foi confiada no Baptismo” (174). “Aquele que pede tudo, também dá tudo” (175).

Invocação final. O Papa Francisco invoca Maria, “a mais abençoada dos santos entre os santos” (176). Por isso, devemos voltar-nos constantemente para Maria, “porque Ela viveu como ninguém as bem-aventuranças de Jesus. ... Conversar com Ela consola-nos, liberta-nos, santifica-nos. ... É suficiente sussurrar uma vez e outra: «Ave Maria...» (176). ✦

P.^e James Kroeger, MM

O Pe James H. Kroeger é um Missionário Maryknoll Americano, que trabalhou na Ásia (Filipinas e Bangladesh) durante mais de cinco décadas. Terminou recentemente um novo livro que foi publicado pela Orbis, *Walking with Pope Francis: The Official Documents in Everyday Language*, uma síntese dos dez principais documentos do Papa Francisco, de 2013-2022.

DAS FERIDAS À VIDA NOVA: OITO SÉCULOS DEPOIS

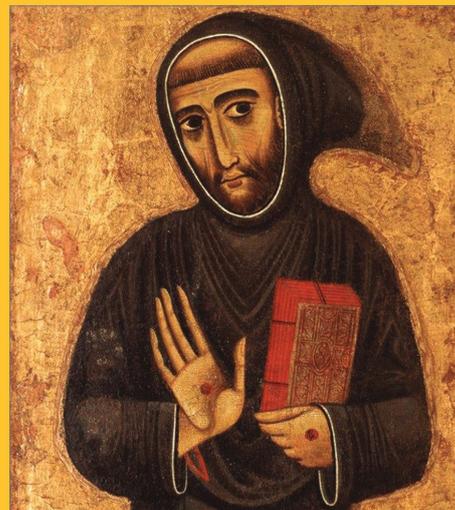
Com o lema «Das feridas à vida nova», os franciscanos deram início no passado dia 5 de Janeiro às celebrações do 8º Centenário dos Estigmas de São Francisco de Assis. Duas realidades acompanharam a vida de S. Francisco: «o doce e o amargo», expressão usada pelo próprio, no seu Testamento Espiritual, ao relatar o encontro com o leproso no início da sua conversão. São anos amargos, que Francisco vive, de 1220 a 1224 no interior da fraternidade.

Em 1223, com a autoridade da sua coerência de vida, Francisco escreve o texto da *Regra* que viria a ser aprovada com bula papal a 29 de Novembro do mesmo ano. Estes tempos difíceis despertam em Francisco um grande desejo de silêncio e de contemplação.

Em 1224, o Santo de Assis sobe ao monte Alverne, e por ocasião da Festa da Exaltação da Santa Cruz, estando ele a fazer uma quaresma em honra de S. Miguel Arcanjo, mergulhado em profunda oração e com o desejo de sentir no seu próprio corpo as dores do Crucificado na hora da Sua Paixão, vê pairar sobre ele a figura de um Serafim de seis asas, que o inunda de uma dor profunda e ao tempo de uma inefável alegria.

Sem perceber com a inteligência as razões daquela visão, Francisco sentiu uma ardente alegria de coração, enquanto no seu corpo começaram a aparecer os sinais dos cravos de Jesus Crucificado. É também por isto que S. Francisco, foi intitulado de “Alter Christus” (um outro Cristo).

Na sua juventude despertou para a sua vocação e missão ao ouvir a voz do Crucifixo de S. Damiano. Agora dois anos antes da sua morte, vem o mesmo Crucificado, carimbar o seu frágil corpo com as Chagas do Senhor. Apoderou-se então de Francisco a certeza de ter vivido sempre a letra e o espírito do Santo Evangelho. Com o seu ser carismático e a sua vida de profeta, Francisco saiu do mundo



e entrou num mundo novo, converteu-se, mudou a sua vida, optou por Cristo Pobre e Crucificado.

A nossa sociedade precisa de propostas carismáticas, para aproximar Cristo da humanidade. Como olhamos hoje para a Cruz de Cristo? Vemos nela a expressão do amor livre de Deus? Como renovar as nossas vidas, conhecendo, aceitando e integrando as nossas limitações? Como evitar a superficialidade com que olhamos para temas, como a ecologia, a paz, a fraternidade e a justiça? O que sabemos sobre conflitos e das suas resoluções, dos desafios ecológicos e das agressões climáticas? Qual o nosso empenho em actuar sobre as causa da pobreza, da mobilidade humana, dos fluxos migratórios, das políticas de segurança e as guerras em tantas regiões do mundo?

Como me identifico com o mistério da Vida, Morte e da Ressurreição de Jesus? Como expresse a minha solidariedade com os crucificados e os excluídos que me cercam? A figura do “leproso” no séc. XIII é a figura de todos os descartados do século XXI: a África esquecida, os idosos abandonados, países divididos, a limitação do acolhimento a refugiados e migrantes, em todos estes sangram continuamente as Chagas de Cristo.

Frei Álvaro Cruz da Silva, ofm

Missionários raptados e libertados no Chade

Na manhã de Sexta-feira, dia 9 de Fevereiro, pouco antes do meio-dia, dois homens, acompanhando um terceiro aparentemente doente, apresentaram-se junto do portão do Hospital Saint-Michel, em Dono Manga, na província chadiana de Tandjilé, gerido pela Caritas, a mais de 400 quilómetros a sudeste da capital N'Djamena.

Os soldados, que guardam habitualmente as instalações, estavam momentaneamente ausentes: tinham ido à mesquita vizinha para as orações de Sexta-feira. O porteiro do hospital tenta impedi-los de entrar, mas os três sacam de armas de fogo e obrigam-no a abrir o portão. Aos três junta-se imediatamente um quarto homem, também armado, e juntos invadem os consultórios onde trabalham o Irmão Missionário Comboniano, Dr. Carlos Salgado Ortiz, e a Dra. Aleksandra Kuligowska, uma voluntária polaca.

O grupo armado ordena aos dois médicos que os sigam, dizendo-lhes para os tranquilizarem: “Não temos intenção de vos fazer mal. Só queremos levar-vos para um lugar seguro e pedir um resgate.” Fogem em motas, com a Dra. Aleksandra e o Irmão Carlos como penduras.

Ao tomarem conhecimento do ocorrido, as autoridades da província de Tandjilé, começam imediatamente as buscas. As forças de segurança perseguem os criminosos e as suas vítimas e alcançaram-nos. Inexplicavelmente, os raptadores tinham parado e permitido que o Dr. Carlos descesse da mota. Ao ver as forças de segurança, ele atira-se para o chão e consegue ser resgatado. Embora muito abalado, regressa ao hospital e retoma o seu serviço aos doentes.

Os raptadores conseguem pôr-se em fuga levando a médica. São necessários vários dias para que o esforço conjunto das forças de segurança, ajudadas por um contingente de tropas francesas, consiga libertar também a Dra. Kuligowska, o que só acontece na Segunda-feira seguinte, 13 de Fevereiro, às 17h35, em Kimri.



O Irmão Comboniano, Dr. Carlos Salgado, e a voluntária Dra. Aleksandra Kuligowska, com um outro leigo, no Hospital Saint-Michel, depois da libertação.



O Irmão Carlos Ortiz numa moto-táxi.



Tendo localizado a casa onde a médica estava detida, um helicóptero é enviado para sobrevoar o edifício a baixa altitude. Os raptadores saem para o exterior e tentam abater a aeronave com as suas armas. A manobra permite aos soldados entrar na casa e resgatar a refém. Três dos raptadores são mortos.

Os Combonianos rezaram pelo êxito das operações de busca e agradecem ao Senhor porque seja o Irmão seja a voluntária saíram ilesos do rapto. O Conselho Geral

dos Combonianos emitiu um comunicado em que dizia: “Agradecemos ao Senhor pela segurança do nosso irmão e da voluntária; agradecemos também a todos os que se mobilizaram para conseguir a sua libertação. Manifestamos toda a nossa solidariedade aos confrades e ao pessoal do Hospital, a todos os confrades e Irmãs da Delegação do Chade e às famílias do Dr. Carlos e dos voluntários que ali trabalham; rezamos para que o que aconteceu não passe de um facto isolado.” ✨

VENCER UMA GUERRA?

A paz não é apenas a ausência da guerra, uma paz autêntica (proclamou São João XXIII na encíclica *Pacem in Terris*) assenta nos pilares da verdade, da justiça, do amor e da liberdade.

Numa reunião recente de comissões Justiça e Paz europeias, impressionou-me a convicção de um colega ucraniano a respeito da vitória do seu país na guerra contra a Rússia, uma guerra que, nas suas palavras deverá ser ganha “custe o que custar” e “demore o tempo que demorar”.

Todos os que participámos nessas reuniões somos solidários com o sofrimento do povo ucraniano e reconhecemos o seu direito de legítima defesa.

Mas ao ouvir esse meu colega, não pude deixar de recordar o que vem insistentemente afirmando o Papa Francisco: «Ninguém ganha com uma guerra». Já o Papa Pio XII clamava, nas vésperas da II Guerra Mundial: «Nada se perde com a paz, tudo pode ser perdido com a guerra».

Esse meu colega considera utópica qualquer tentativa de negociação diplomática com o governo de Putin. Mas também me pareceu algo utópica a vitória incondicional de uma das partes nesta guerra. O que parece certo é apenas o contínuo acréscimo de mortes e de destruição.

Sobretudo, ao admitir uma guerra, ainda que defensiva, “a todo o custo”, parece-me que esquece

que, de acordo com a doutrina da Igreja, não basta que uma guerra seja defensiva para que seja legítima, importa que ela seja um último recurso e que dela não decorram mais danos do que aqueles que ela pretende evitar (ver o § 2309 do *Catecismo*). Estas condições exigem que, como tem salientado o Papa, nunca se desista da diplomacia, a qual tem de ser criativa, buscando alternativas que não se traduzam num prémio para o infractor.

Também num contexto muito diferente, ouvimos responsáveis do governo de Israel, perante os ataques terroristas do Hamas, invocar a legítima defesa para justificar uma guerra que elimine, de vez, essa organização que pretende a sua destruição.

Ao contrário do que em geral sucede com a reacção das forças ucranianas, o governo de Israel não tem recuado diante da ocorrência de vítimas civis dos seus ataques. Esquece que o direito de defesa, não só não se confunde com a retaliação (a vingança, a resposta a um mal com outro mal), como está sujeito a limites no seu exercício, a critérios de necessidade e proporcionalidade. Que o Hamas se sirva de civis como “escudos humanos”,

faz sobre ele recair graves responsabilidades, mas não exclui a responsabilidade de quem directamente os atinge mortalmente.

E também será ilusória a pretensão de eliminar definitivamente o Hamas. Ele poderá continuar a provocar ataques terroristas em qualquer parte do mundo enquanto houver quem adira aos seus objectivos de destruição do Estado de Israel. Com as mortes e destruições que hoje atingem o povo palestino, serão certamente muito mais, e não menos, os que aderem ao Hamas.

Não podemos esquecer que uma solução duradoura destes recorrentes conflitos na Terra Santa passará sempre por enfrentar a sua raiz, por uma paz alicerçada na justiça que implica o respeito de todos os legítimos direitos dos povos israelita e palestino. Porque a paz não é apenas a ausência da guerra, uma paz autêntica (proclamou São João XXIII na encíclica *Pacem in Terris*) assenta nos pilares da verdade, da justiça, do amor e da liberdade. ✨

Pedro Vaz Patto
Presidente da Comissão Nacional
Justiça e Paz



Cartas de agradecimento

Da Diocese de Mindelo

Rev.mo Senhor Pe. José António Mendes Rebelo, MCCJ, Director Nacional das Obras Missionárias Pontifícias

Reverendo,

Saúde e paz para si e para todos os benfeitores das Obras Missionárias Pontifícias de Portugal.

Pela presente, vimos agradecer de coração os subsídios disponibilizados para a diocese: ordinário, para os catequistas, conclusão da obra de construção da Capela de Nossa Senhora do Carmo (Nº projecto 001994/2023), formação e actualização teológica do clero (Nº projecto 001995/2023)

O montante recebido de 44.850,00 €, em 24/08/2023, será aplicado na obra da Evangelização na Diocese, na formação e actualização teológica do clero, na formação dos catequistas e na construção

da capela na zona de Lombo Branco, Ilha de Santo Antão, comunidade viva, que até ao momento, não dispõe de um lugar de culto.

Com elevada estima no Senhor, suplicando muitas bênçãos do Céu para as Obras Missionárias Pontifícias de Portugal. Maria, fonte de esperança, neste tempo do Advento nos leve a Cristo e ao Seu santo Nascimento!

Mindelo, 30 de Novembro de 2023

† Ildo Augusto dos Santos Lopes Fortes

Da Diocese de Santiago

Ao Rev.do Pe. José António Mendes Rebelo, MCCJ

Director Nacional das OMP

Com os melhores cumprimentos e votos de boa saúde e de um

bom trabalho, venho deste modo acusar a recepção dos subsídios – ordinários e extraordinários – no valor total de 30.400,00 euros, concedidos à nossa Diocese, na Assembleia Geral de Maio 2023, para os seguintes projectos:

- Subsídio ordinário: 11.900 euros;
- Subsídio para as catequistas: 14.000 euros;
- Retiro espiritual e actualização teológico-pastoral do clero: 4.500 euros.

Agradecemos profundamente a generosa ajuda dispensada pelas Obras Missionárias Pontifícias e pedimos a Deus que encha cada vez mais das Suas maiores bênçãos todas as pessoas de boa vontade, que procuram fazer o bem a favor das Igrejas das missões.

Praia, 18 de Outubro de 2023

Fraternalmente em Cristo Jesus,
† Arlindo Cardeal Gomes Furtado

Como ajudar a Igreja Universal através das OMP?

O nosso número de conta, NIB e IBAN, para a transferência de fundos é o seguinte:

Obra da Propagação da Fé

Banco Millennium-BCP

Nº Conta: 23521434

NIB: 0033 0000 0002 3521 434 05

IBAN: PT 50 0033 0000 0002 3521 434 05

Pedimos que as ofertas para a Obra da **Infância e Adolescência Missionária** sejam enviadas para a conta do Banco Invest, com o seguinte **IBAN:**

PT 50 0014 0000 0519124710146

Agradecemos que os doadores nos contactem para nos darem o seu NIF e direcção, de modo a que possamos mandar-lhes o recibo para efeitos de IRS.

No momento de fazer o seu testamento, pense na Igreja!

Se não tem familiares próximos e tem dúvidas a quem queira deixar os seus bens, pode contemplar a ideia de deixar parte deles para ajudar as Igrejas mais jovens noutros continentes. Nesse caso pode fazer o seu testamento à Obra da Propagação da Fé – o nosso nome oficial – especificando a Obra a que se destina: Obra da Propagação da Fé, Obra da Infância Missionária, Obra de S. Pedro Apóstolo, ou Obra da União Missionária Pontifícia. A sua ajuda será canalizada para Roma, para o fundo de solidariedade universal com que o Santo Padre ajuda as novas Igrejas. O seu gesto assegura-lhe a gratidão e a oração da Igreja missionária.

As Obras Missionárias Pontifícias são uma rede de oração, informação, solidariedade e partilha com a Igreja Missionária.

Muito obrigado a todos os que nos enviam os seus donativos, para estas Obras. Todos os dias, às 5 horas da tarde, na Basílica de S. Pedro, em Roma, é rezada uma Eucaristia pelas intenções dos colaboradores das Obras Missionárias Pontifícias.

Donativos por MBWAY
Obras Missionárias Pontifícias

MB WAY

[910 281 248]





Bandidos compreensivos

Depois de se despedirem dos confrades, o P. Guido e o P. Alois entraram no carro e deixaram a missão de Lira, no Uganda, em direcção ao Karamoja. De repente, quatro guerreiros Karimojong, armados com espingardas, surgem sabe-se lá de onde e ordenam-lhes que parem. Obrigam os missionários a sair do carro e a entregar os seus haveres. “Agora podem ir”, ordenou aquele que parecia ser o chefe do gangue. O P. Guido tentou pôr o carro a trabalhar, mas, talvez partilhando o susto dos viajantes, ele recusou-se a arrancar. O P. Alois começou a empurrar o carro. Infelizmente, naquele local a estrada era em subida. Por isso, virou-se para os bandidos e pediu-lhes ajuda. Eles acederam ao pedido. Depois de “tossir” várias vezes, o carro pegou. Perante a cortesia, o P. Guido ganhou coragem e aventurou-se: “Naquela mala estão os nossos Breviários. Estão numa língua que vós não compreendeis. Podeis devolvê-los?” Um bandido remexeu na mala e entregou-lhes os breviários e alguns outros livros.

Depois de um “obrigado” e de alguns sorrisos amarelos, partem. Pelo caminho, verificam os livros devolvidos. Estavam lá todos; só faltava a *Regra de Vida*. “Não vale a pena voltar para trás a reclamá-la; nunca se sabe”, concluíram; “pode acontecer que um dia um Karimojong peça para ser Missionário Comboniano. Quando o Mestre de Noviços lhe der a *Regra de Vida* e ele responder, ‘já a tenho’, então saberemos que ele era um daqueles bandidos!”

Uma ideia pouco original

O Padre Joseph tinha acabado de chegar à missão de Kimatong, no



Ilustração por Ana Romão

Sudão. Depois de anos de estudos e de trabalho suado de animação missionária na sua Província de origem, presumia ter todos os conhecimentos antropológicos básicos para poder comunicar eficazmente com os seus paroquianos. A prova de fogo não demorou muito a chegar. Dado o facto de as populações de várias aldeias se desentenderem frequentemente por causa do gado, com saques, assassínios e falta de segurança para as pessoas vulneráveis, os párocos da região tinham decidido organizar um encontro entre os chefes para favorecer o diálogo, na procura da paz. Ele conversou com os missionários da paróquia vizinha. O Padre Aleardo prepararia uma reflexão bíblica sobre o perdão e a convivência cristã; e o Padre Francisco tentaria convencer pelo menos os mais intransigentes da sua paróquia a comparecer. Tinha o compromisso de convidar o chefe da região e de encontrar um boi branco para o sacrifício. Era, de

facto, uma ideia soberba, pensou: uma vez que a maioria dos convidados não era cristão, porque não tentar fazer um gesto de inculturação e sacrificar um boi pela paz? Entusiasmado, o nosso herói vai ter com Pedro, o chefe. Depois de ter falado do mal dos assaltos, da necessidade de paz, etc., o P. Joseph conseguiu convencê-lo a participar. Houve mais conversa de circunstância para chegar ao ponto em que ele iria tirar o ás da manga. “Pensei que, como sinal de uma nova harmonia”, disse o missionário cheio de esperança, “podíamos sacrificar um boi branco e depois comê-lo juntos.” Ao ouvir estas palavras, Pedro, profundamente honrado com o convite, respondeu: “Sim, parece-me uma boa ideia. Tenha em conta, Padre, que nós também fazemos o mesmo.” Aparentemente, isso não foi suficiente para alcançar a paz. ✦

Padre Neno Contran
Missionário Comboniano

CONHECE QUEM ESTARIA INTERESSADO EM RECEBER AS NOSSAS PUBLICAÇÕES?
ENVIE-NOS A SUA MORADA POSTAL E /OU O SEU E-MAIL. OBRIGADO!



Curso de Missiologia

O **Curso de Missiologia** vai acontecer, como habitualmente, em Fátima, de 26 a 31 de Agosto. O curso é aberto a todos: jovens, leigos, catequistas e pessoas que queiram descobrir e aprofundar as riquezas da Missão.

O curso é organizado pelos Institutos Missionários *Ad Gentes* (IMAG), em parceria com as Obras Missionárias Pontifícias (OMP). O curso é bienal, correspondendo 2024 ao 2º ano do ciclo. A inscrição é arbitrária quanto à ordem, 1º ou 2º ano. O diploma obtém-se após a frequência dos 2 anos.



FICHA TÉCNICA

DIRECTOR

P. José António Mendes Rebelo

MISSÃOZINHA OMP

Anna Kudelska

PROPRIEDADE E EDIÇÃO

Direcção Nacional de Propagação da Fé

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Ilha do Príncipe, 19

1170-182 LISBOA

Tlf: (+351) 21 814 84 28

Email: missio.omp@netcabo.pt

NIPC: 501132619

Homepage: <https://www.opf.pt/>

ESTATUTO EDITORIAL

<https://www.opf.pt/missao-omp>

Depósito Legal N° 192499/03

NIPC 501 132 619 - I.S.S.N. - 1647 - 9203

Registo na ERC n° 104247

IMPRESSÃO: Jorge Fernandes

Rua Quinta do Conde de Mascarenhas, 9

2820-652 Charneca da Caparica

<https://www.jorgefernandes.pt/>

TIRAGEM: PDF para web

Preço Capa: 0,01 €

FOTOGRAFIA:

Lusa; Arquivo OMP; João Fernandes



PROGRAMA:

Dia 26, Espiritualidade Missionária
– Teresa Messias

Dia 27, São Lucas e a Missão
– D. António Couto

Dia 28, Estética e Comunicação da Fé
– Cátia Tuna

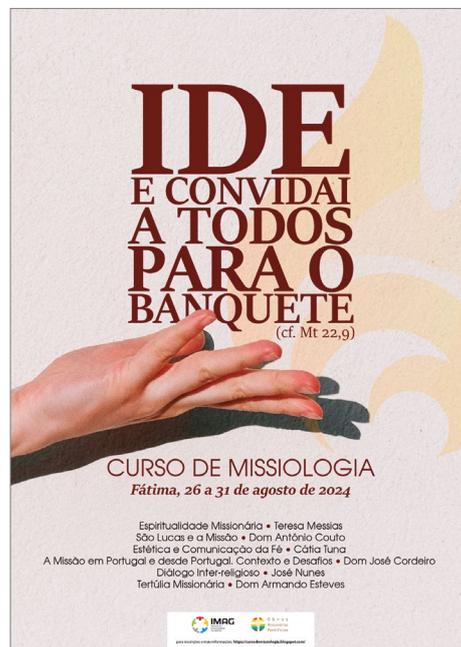
Dia 29, A Missão em Portugal e desde Portugal. Contexto e desafios
– D. José Cordeiro

Dia 30, Diálogo Inter-religioso
– José Nunes

Dia 31, Tertúlia Missionária e Eucaristia
– D. Armando Esteves

INSCRIÇÕES:

Valor: 40 €. Podem ser feitas *online* no nosso blog: <http://cursodemissiologia.blogspot.com/>; ou para o e-mail: cursomissiologia@gmail.com ou por correio para o local do curso.



LOCAL:

Missionários da Consolata, Rua Francisco Marto, 52, 2495-448 Fátima

Eventos a lembrar:

Tema do Dia Mundial das Missões 2024. A mensagem do Papa Francisco para o dia 20 de Outubro de 2024 é: *Ide e convidai todos para o banquete* (Mt 22, 9).

Jornadas Missionárias 2024. Terão lugar nos dias 21 e 22 de Setembro, em Fátima. Todos estão convidados.

Guião Missionário. A programação e elaboração do *Guião Missionário* para 2024-2025 já começou. Este ano pastoral de 2023-2024, imprimimos 42 mil exemplares do mesmo. Foram distribuídos pelas seguintes entidades:

Institutos: 20.700

Dioceses: 11.300

Direcção nacional das OMP: 10.000

Quem ainda não os pagou agradece-se que o faça quanto antes.

O *Guião* tem tido um bom acolhimento e esperamos aumentar a tiragem, de modo a chegar a um maior número de fiéis. Para isso contamos com uma maior colaboração da parte das dioceses.

Assembleia dos ANIMAG. A assembleia dos Animadores dos Institutos Missionários *Ad Gentes*, está agendada para Ponta Delgada, Açores, Diocese de Angra, dos dias 4 a 7 de Novembro de 2024. Todos os directores diocesanos das OMP e colaboradores dos centros missionários estão convidados. É conveniente reservar os bilhetes com a devida antecedência.



Reunião alargada do Conselho Nacional Missões, em Fátima, do qual fazem parte algumas instituições parceiras no serviço de animação missionária e evangelização e para o qual foram convidados todos os directores diocesanos. A parte da manhã, dedicada à formação, foi animada pela Dra. Leopoldina Simões.